

O político em apagamento, evidência e atenuação: relações entre raça, classe e gênero em cartilhas que tematizam o Coronavírus para a população LGBT+

The politician in erasure, evidence and attenuation: relations between race, class and gender in booklets that thematize the Coronavirus for the LGBT+ population

Marcus Menezes¹

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

marcusvamenezes@gmail.com

RESUMO: Neste ensaio, tomo como *corpus* duas cartilhas que tematizam a COVID-19 para as pessoas LGBT+, a saber *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produzida pela Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, e *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produzida pelo extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Com base na Análise de Discurso materialista, o objetivo do presente texto é compreender como a racialidade atravessa as discursividades das cartilhas que não tratam sobre raça, mas sim gênero, sexualidade e saúde, por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc. (MODESTO, 2021). Os gestos de análises indicam uma individua(liza)ção do sujeito pelo Estado como responsável pela saúde e como sujeito de direitos e deveres (ORLANDI, 2013). Há, em certa medida, um apagamento das relações de raça, classe e gênero. Contudo, há uma contradição: ora se apaga, ora se evidencia questões de classe. A análise aponta que, quando classe está na ordem da explicitude, a raça está sempre na ordem da implicitude. Por fim, há também um jogo de sentidos que atenuam (e apagam) as questões de raça, classe e gênero nas cartilhas.

Palavras-chave: Cartilha; COVID-19; Saúde LGBT+; Racialidade; Análise de Discurso.

ABSTRACT: In this essay, I take as a *corpus* two booklets that thematize COVID-19 for LGBT+ people, namely *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produced by the Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, and *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produced by the extinct Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Based on Materialist Discourse Analysis, the objective of this text is to understand how raciality crosses the discursive processes of booklets that do not thematize race, but gender, sexuality and health, due to the effects of silencing, contradiction, metaphor, paraphrase, parody, etc. (MODESTO, 2021). The analysis gestures indicate an individua(liza)tion of the subject by the State as responsible for health and as a subject of rights and duties (ORLANDI, 2013). There is, to some extent, an erasure of race, class and gender relations. However,

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Tensões Raciais (UESC/CNPq) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

there is a contradiction: sometimes it disappears, sometimes class issues become evident. The analysis points out that, when class is in the order of explicitness, race is always in the order of implicitness. Finally, there is also a game of meanings that mitigate (and erase) issues of race, class and gender in the booklets.

Keywords: Booklet; COVID-19; LGBT+ Health; Raciality; Discourse Analysis.

Considerações iniciais

O saber científico tem circulado em outros espaços além do ambiente escolar, pois, a partir do desenvolvimento tecnológico, pode ser acessado por modos mais rápidos e precisos, como a Internet. Apesar de circular em espaços não-escolares, o conhecimento científico toma formas advindas do espaço escolar, como as cartilhas (SILVA, 2014). Pela memória, essa relação escola-cartilha é sempre significada em relação à alfabetização, ou seja, ao conhecimento linguístico. Contudo, outros sentidos de cartilha estão em jogo, como, por exemplo, as cartilhas temáticas, que circulam na nossa formação social tratando de diversos temas, como gênero, raça, saúde e outros. No presente texto, discuto de forma ensaística o funcionamento discursivo de cartilhas que tematizam a COVID-19 para leitores LGBTQ+, conforme minha pesquisa de mestrado em andamento².

Para iniciar a discussão, mobilizo aqui a noção de instrumento linguístico, conforme Sylvain Aurox (2014), como aquilo que “dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor” (AUROUX, 2014, p. 70). A gramática tradicional e o dicionário são exemplos de instrumentos linguísticos, pois, qualquer que seja a competência linguística do sujeito, não são todas as regras e palavras dominadas. Evidencio essa discussão teórica para aqui definir a cartilha de alfabetização como um instrumento linguístico, tendo em vista que se trata de um material didático para um sujeito que não domina uma língua. É quando tomamos a cartilha temática que podemos constatar que há um deslizamento de sentidos, e que há uma relação entre língua e conhecimento: assim como há um sujeito que não domina uma língua, há um sujeito que não domina certo conhecimento não-linguístico, além de um “sujeito que detém esse conhecimento e é capaz de ensiná-lo” (SILVA; PFEIFFER, 2014, p. 94).

Nessa conjuntura de um material para um sujeito que não domina um conhecimento, temos cartilhas temáticas. Com base na Análise de Discurso (AD) materialista, aqui estou interessado em analisar discursivamente cartilhas de saúde LGBTQ+ sobre o Coronavírus para racializar os processos discursivos em funcionamento. Essas cartilhas compõem um arquivo montado por mim. Para a AD, um documento pode ser entendido como feixe de um arquivo e o arquivo é como campo de documentos, esses que são resultados de múltiplas determinações,

² Intitulada de *Ler cartilhas hoje: sentidos de população LGBTQ+ no funcionamento de uma pedagogização da saúde em relação à pandemia de COVID-19* e orientada por Prof. Dr. Rogério Modesto, no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz.

isso porque “o documento é um suporte material, ou seja, histórico, que supõe uma existência formal” (BARBOSA FILHO, 2022, p. 11).

A montagem de um arquivo é produtiva para a análise por produzir “um efeito de conjunto que está discursivamente orientado por uma regularidade” (MODESTO, 2021, p. 12). Do arquivo montado, duas cartilhas são selecionadas: *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020) e *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020). Juntas constituem regularidades: 1) são cartilhas digitais, ou seja, estão disponíveis em um ambiente virtual; 2) são produzidas por instituições públicas, 3) tematizam a prevenção da COVID-19 e 4) têm como leitor virtual a população LGBT+. Apesar da delimitação de um *corpus* (as duas cartilhas), o arquivo não é desfeito, pois interessa-me analisar o efeito de unidade dos documentos “por meio de uma remissão dos funcionamentos discursivos a outros, formulados (ou passíveis de serem formulados) em outras condições de produção” (BARBOSA FILHO, 2022, p. 12).

Dessa forma, tendo em vista o objetivo do presente ensaio em compreender os processos discursivos do *corpus* em vista da racialização, com o efeito de conjunto produzido pelo arquivo, “abre-se para a potencialidade da racialização das condições de produção, da formação social e da própria formulação (e de sua relação com a constituição e a circulação)” (MODESTO, 2021, p. 12). Esse processo de racialização remete ao que Modesto (2021) conceitua como *discursos racializados*. Esses discursos não são entendidos pelo autor apenas como temáticos (discursos *de* e *sobre* raça), mas sim que a racialidade atravessa qualquer produção discursiva relacionada à formação social brasileira, pois a tensão racial a constitui (MODESTO, 2021).

Se a produção de discursos racializados vai além dos discursos *de* e *sobre* raça, essa compreensão permite-me analisar como a racialidade é atravessada nas discursividades das cartilhas não tematizam a questão racial, como as selecionadas para análise. Aqui “não se trata de ‘falar sobre’ raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por **efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc.**” (MODESTO, 2021, p. 9, grifos meus). Na presente pesquisa, não se trata, então, de cartilhas sobre questões raciais, como por exemplo: *Salvar vidas e garantir direitos da população negra*³; *São Paulo contra o racismo: aspectos legais e ações*

³ Disponível em: https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/cartilha-corona-conen_teste3-1.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

*afirmativas*⁴; *Mulheres negras, acesso à saúde e racismo*⁵ e outras. Trata-se de cartilhas que tematizam a saúde LGBT+, mas que, a partir da posição teórica assumida aqui, podem ser pensadas pelos efeitos da racialidade.

Discursos racializados: quando se apaga, se evidencia e se atenua o político

A *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produzida pela Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, e *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produzida pelo extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, apresentam dicas e informações sobre o coronavírus, explicitando sobre como ocorre a transmissão do vírus e afirmando o distanciamento social como uma das primeiras medidas para conter a transmissão. O trabalho na pandemia, o cuidado com a saúde mental, a prevenção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e o uso de drogas no período pandêmico são exemplos de temas abordados pelos materiais em análise. Na presente análise, tomo um método discursivo que parte dos processos linguísticos para compreender os processos discursivos (LAGAZZI, 1988). Já que aqui as formulações linguísticas são pistas importantes, inicio a análise a partir de uma regularidade linguística:

SD 1: **Lave** com frequência as mãos até a altura dos punhos, com água e sabão, ou então **higienize** com álcool em gel 70%. **Evite** tocar olhos, nariz, boca e regiões de mucosa com as mãos não lavadas (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 3, grifos meus).

SD 2: **Cuide** de sua saúde mental, **procure** fazer atividades que te tragam prazer e, sempre que puder, **fale** por telefone ou mensagem com as pessoas queridas (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 4, grifos meus).

SD 3: Não **compartilhe** informações duvidosas ou de fontes desconhecidas! (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020, n.p., grifo meu).

SD 4: **Converse** (virtualmente) com amigos e familiares. **Aproveite** para ler, estudar e descobrir novos talentos! (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020, n.p., grifos meus).

Conforme as sequências discursivas acima, algumas dicas são textualizadas em verbos no modo imperativo (*lave, higiene, evite, compartilhe, converse, procure*). Se tensionarmos

⁴ Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Cartilha-Sao-Paulo-contr-o-Racismo-1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

⁵ Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/cartilha-para-profissionais-da-saude-mulheres-negras-acesso-a-saude-e-racismo>. Acesso em: 31 jul. 2023.

tais formulações linguísticas com memórias do espaço escolar, podemos identificar que verbos no modo imperativo são recorrentes em discursos pedagógicos. Pensemos, por exemplo, em enunciados de exercícios de livros didáticos que formulam *justifique, explique, escreva, copie* e outros verbos. De antemão, essa reflexão indica que, mesmo circulando fora dos muros escolares, as cartilhas temáticas são atravessadas pela discursividade pedagógica pela memória (SILVA; PFEIFFER, 2014).

Ainda considerando as SDs anteriores, penso que os verbos em destaque indicam uma individuação recorrente não apenas do discurso pedagógico, mas também do discurso da saúde. Sustentada, então, pelas memórias da pedagogia e da saúde, essa individuação aqui está relacionada a uma responsabilização do sujeito em relação a sua própria saúde e não proliferação do coronavírus. Eni Orlandi (2013), a partir dos trabalhos de Michel Foucault, discute como o Estado e suas instituições individua(liza)m a forma sujeito histórica. O sujeito, interpelado pela ideologia, tem uma forma individualizada concreta e, na formação social capitalista, temos “a forma de um indivíduo livre de coerções e responsável, que deve assim responder como sujeito jurídico (sujeito de direitos e deveres, diante do Estado e de outros homens” (ORLANDI, 2013, p. 81). Enquanto sujeitos de deveres, somos responsáveis pela não proliferação do vírus da COVID-19 e, assim, penso ser possível parafrasear, por exemplo, a formulação *Lave com frequência as mãos até a altura dos punhos, com água e sabão* em *É sua responsabilidade lavar com frequência as mãos para não se contaminar*. Esse modo de formular “inscreve o dissenso, já que onde se tem que ordenar, pedir, aconselhar, não há consenso” (ZOPPI-FONTANA; OLIVEIRA, 2016, p. 125). Esse dissenso constata que

todo sujeito é constitutivamente *colocado como* autor de e responsável por seus atos (por suas “condutas” e por “suas palavras”) em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em “sujeito-responsável” (PÊCHEUX, 2014, p. 198, grifos do autor).

Aqui ainda trago um questionamento de Mariza Vieira da Silva (1998) em sua tese sobre a história da alfabetização no Brasil: com um governo que não alfabetiza a população de seu país, qual fenômeno é produzido? A resposta é o mantimento do estado ou condição de analfabeto de sua população. E “a quem atribuir, então, a responsabilidade pela não execução de uma política consistente e produtiva de alfabetização? Ao próprio analfabeto” (SILVA, 1998, p. 31). De modo similar, Silva e Pfeiffer (2014), ao tratarem de cartilhas que tematizam o meio ambiente, apontam para o homem significado enquanto responsável pela preservação da natureza. Nessa discursividade, “o Estado e as contradições inerentes ao atual jogo de

forças políticas e econômicas” (SILVA; PFEIFFER, 2014, p. 105) são apagados, atribuindo ao leitor a responsabilidade pelo meio ambiente. É explorado “menos os processos e relações e mais as consequências e resultados” (ORLANDI, 2017, p. 146). Essa reflexão indica o modo como as cartilhas temáticas configuram uma posição-sujeito em relação à responsabilidade da saúde de si, em que o Estado é apagado.

Nas SDs seguintes, ainda em análise de formas verbais no modo imperativo, tenho pensado em um apagamento do político nas cartilhas temáticas da COVID-19. Apagamento que me permite, finalmente, racializar os processos discursivos dos materiais em análise:

SD 5: Evite circulação desnecessária nas ruas e aglomerações. Mantenha uma distância mínima de cerca de 2 metros de outras pessoas. Evite abraços, beijos e apertos de mãos. **Se puder, fique em casa!** (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 3, grifos meus).

SD 6: Se você é **profissional do sexo** ou exerce outra profissão autônoma, **busque seu auxílio emergencial** ou trabalho virtual. **Mas se precisar muito do “aquê”:** evite levar clientes para sua casa, **tome banho completo ao sair** e ao chegar, use álcool gel 70% para higienizar as mãos na rua e use máscara. E não se esqueça do “guanto, se for fazer o baco”. Se fizer sem “guanto” você pode tomar a PEP em até 72 h, procure a UPA (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 7, grifos meus).

SD 7: Sempre que sair de casa, **evite aglomerações, use álcool em gel** e não toque nos olhos, nariz ou boca com as mãos sujas (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020, n.p., grifos meus).

SD 8: Mas não é na crise que nascem as boas ideias? Se tiver que trabalhar, converse com seus clientes, **tente a opção do serviço virtual** (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020, n.p., grifos meus).

A partir de Silva e Pfeiffer, compreendo que as cartilhas de conhecimento não-linguístico funcionam “por uma articulação entre o pedagógico, o científico, o linguístico, apagando, quase sempre, a espessura política daquilo que se ensina e divulga” (SILVA; PFEIFFER, 2014, p. 105). Prestemos atenção, por exemplo, na SD 7, em que a cartilha do extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos orienta a não aglomerações, além de outros cuidados para evitar a contaminação (uso de álcool em gel e não tocar partes do rosto com mãos contaminadas). E pergunto: quem pode evitar aglomeração no Brasil? Quem pode ter posse e estoque de álcool em gel e máscaras profissionais no Brasil? Fazendo referência a SD 5, quais são os brasileiros que podem ficar em casa? Ou, a partir da SD 8, quem pode optar por serviço virtual? Esses questionamentos, na verdade, estão ligados a outras questões: quem não pode isso e aquilo?

Entendo, então, que há um apagamento do político em formulações como *evite aglomerações* e *use álcool em gel*, pois é apagado quem não pode evitar aglomerações por determinados motivos, como, por exemplo, necessidade de trabalhar em prol do sustento e sobrevivência. Assim como, é apagado que nem todos têm acesso a álcool em gel. É possível pensar também que *use álcool em gel*, dito desse modo, é diferente de dizer *compre álcool em gel* ou *tenha álcool em gel*, uma vez que o Estado não diz *compre*, mas também não apresenta como ter acesso, já que não fornece. Nesse sentido, *use álcool em gel* produz mais uma vez a responsabilidade do sujeito sobre si mesmo, mas também sobre os seus bens.

Contudo, não se trata de pensar aqui uma relação direta de *negro, logo, não tem capital*. Acredito que essa posição poderia ocasionar em estereótipos sobre pessoas negras. É preciso, na verdade, considerar a relação entre raça, classe e gênero. Não é apenas sobre ser negro, mas sim considerar questões de classe e gênero. Pensemos essas relações a partir da SD 6. Nessa sequência discursiva, a cartilha da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador aborda sobre o trabalho autônomo na pandemia, sobretudo de profissionais do sexo e o cuidado necessário da prevenção tanto de ISTs quanto da COVID-19. O que me interessa com essa SD é racializar as textualizações sobre profissional do sexo e auxílio emergencial, apontando a “relação inescapável entre raça, gênero e classe” (MODESTO, 2021, p. 15). É possível realizar novas perguntas: 1) quem, no Brasil, é profissional do sexo? Ou melhor, quem, no âmbito da sigla LGBTQ+, é profissional do sexo? e 2) quem, no Brasil, precisa e tem direito ao auxílio emergencial, benefício criado pelo governo federal brasileiro em 2020 para diminuir os impactos socioeconômicos da pandemia?

Novamente, por memória, é possível responder esses questionamentos. Na sigla LGBTQ+, as pessoas transgêneras (sobretudo, mulheres transsexuais e travestis), diante da rejeição familiar e marginalidade social (exclusão da escola e do mercado de trabalho formal), são impostas ao trabalho da prostituição para que possam sobreviver. Entretanto, as pessoas transgêneras são violentadas enquanto profissionais do sexo por seus clientes. Vale pontuar que, segundo Bruna Benevides (2022), as travestis e transexuais negras são maioria na prostituição, além de serem as com maiores índices de violência e assassinato. Conforme o *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*, a média de pessoas trans negras assassinadas entre 2017 e 2021 é de 80,6% e de pessoas trans brancas 19,2% (BENEVIDES, 2022). Essas discussões e esses dados corroboram para responder sobre quem é a profissional do sexo na sigla LGBTQ+ no Brasil (pessoas trans, negras e pobres), apontando para a relação entre raça, classe e gênero.

Nesse caminho, acredito que talvez seja possível refletir que há uma explicitude de discursividade sobre classe atravessada por uma implicitude de gênero e raça. Em outras palavras, a formulação linguística (*Se você é profissional do sexo*) evidencia sobre a questão econômica na pandemia do coronavírus, mas silencia os atravessamentos sobre gênero e raça que permeiam, nesse caso, a atuação de profissional de sexo na sigla LGBT+. Ainda podemos pensar a relação explicitude-implicitude nas formulações da SD 6 *busque seu auxílio emergencial* e *Mas se precisar muito do “aquê”*. Nelas, novamente, penso que a discursividade sobre classe está na ordem da explicitude, pois tematizam sobre a necessidade financeira para sobrevivência. Mas, na ordem da implicitude, as formulações silenciam sobre a questão de raça, pois, mais uma vez, por memória, é possível retomar quem (pessoas negras) na formação social brasileira sofreu (sofre) um processo de exclusão social e extermínio, conforme Modesto (2022).

Gostaria de retomar o aceno que realizo a Silva e Pfeiffer (2014) sobre o apagamento da espessura política nas cartilhas temáticas. Isso porque é importante ressaltar que não há nunca um apagamento absoluto do político, tendo em vista que não há realidade sem ideologia (ORLANDI, 2015), o que retoma uma questão básica da AD: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, logo, todo discurso é ideológico (e político). Contudo, entendo, a partir de Pêcheux (1990), que a ideologia não é um ritual sem falha. Dessa forma, mesmo que o apagamento do político seja característico do discurso pedagógico que atravessa as cartilhas, a contradição e o equívoco estão sempre em jogo.

Considerando a contradição, analisemos os grifos da SD 5 *Evite circulação desnecessária nas ruas e aglomerações* e *Se puder, fique em casa*. Se aponte nas análises anteriores que os verbos no modo imperativo podem produzir efeitos de sentidos de um apagamento do político, aqui, diante das formulações em análise, penso como o político atravessa pelas ordens da explicitude e implicitude. Quais efeitos de sentidos *desnecessária* e *se puder* produzem? Na ordem da explicitude, essas formulações parecem produzir sentidos de que há circulações necessárias, assim como há pessoas que não podem ficar em casa. Na ordem da implicitude, como venho discutindo nas análises anteriores, podemos pensar a relação entre raça, classe e gênero. Nessa SD, penso como essas circulações necessárias são referentes aos trabalhos de brasileiros que precisam sobreviver, brasileiros que não podem se dar o *luxo* de ficar em casa sem trabalho, sem sustento. E até aqui já sabemos quem são essas pessoas.

Além disso, não podemos perder de vista como as cartilhas de conhecimento não-linguístico investem em uma atenuação do político, como na SD 8 (*Mas não é na crise que*

nascem as boas ideias? Se tiver que trabalhar, converse com seus clientes, tente a opção do serviço virtual). Outras sequências discursivas podem ser elencadas nesse sentido:

SD 9: O fato de você ser LGBT NÃO aumenta o risco de contrair COVID-19, mas também não te deixa imune! Logo, “não faça a egípcia” e siga as orientações gerais de prevenção (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 3, grifos meus).

SD 10: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros estão expostos ao novo coronavírus da mesma forma que o resto da população. Ainda assim, muitas dessas pessoas vivem num contexto de extrema vulnerabilidade social, o que pode influenciar no acesso a direitos como a saúde (MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020, n.p., grifos meus).

SD 11: Se você é Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual ou Transgênero sabe que os momentos de crise podem aumentar as situações de preconceito, discriminação e violências que já ocorrem cotidianamente (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 3, grifos meus).

Por fim, analisemos como a relação das SDs elencadas indica uma atenuação do político (por via do apagamento) e uma contradição. As formulações (SD 9) *O fato de você ser LGBT NÃO aumenta o risco de contrair COVID-19* e (SD 10) *Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros estão expostos ao novo coronavírus da mesma forma que o resto da população* constituem uma regularidade das cartilhas, pois ambas as cartilhas em análise textualizam que a população LGBT+ tem os mesmos riscos de contrair COVID-19. Interessante como essas textualizações atenuando as vulnerabilidades sociais que atingem pessoas LGBT+ apagando as questões de raça, classe e gênero. Esse apagamento, inclusive, produz uma possível pergunta: se a COVID-19 atinge as pessoas LGBT+ do mesmo modo que outras pessoas, por que uma cartilha para esse público?

Por outro lado, o político sempre vem à tona e, assim, constitui uma contradição nesse jogo de não-apagamento e apagamento. As cartilhas atenuam as vulnerabilidades sociais ao mesmo tempo que as põe em foco, como nos grifos: (SD 10) *Ainda assim, muitas dessas pessoas vivem num contexto de extrema vulnerabilidade social, o que pode influenciar no acesso a direitos como a saúde* e (SD 11) *Se você é Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual ou Transgênero sabe que os momentos de crise podem aumentar as situações de preconceito, discriminação e violências que já ocorrem cotidianamente*. São essas vulnerabilidades que justificam a necessidade de cartilhas voltadas para tal público-alvo, pois consideram como as diversas discriminações por orientação sexual e por identidade de gênero podem incidir “no processo de sofrimento e adoecimento decorrente do preconceito e do

estigma social reservado às populações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais” (BRASIL, 2013, p. 19). Todavia, não podemos esquecer que não são apenas corpos LGBT+, mas são também corpos negros e pobres que estão mais suscetíveis aos diversos tipos de violência e adoecimento.

Considerações finais

Este texto, em caráter de ensaio, é resultado dos meus interesses discursivos ligados às cartilhas temáticas da saúde, essas que, como apontei, sofrem um deslizamento de sentidos de cartilhas de alfabetização. Vimos como a cartilha temática é atravessada por discurso pedagógico mesmo quando circula fora dos muros escolares. E, compreendendo que os discursos racializados não são apenas de discursos de e sobre raça, mas sim que a racialidade atravessa qualquer discurso produzido na formação social do Brasil (MODESTO, 2021), aqui apresentei um recorte pensando na racialização dos processos discursivos dos materiais em análise. Dessa forma, analisei as cartilhas *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produzida pela Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, e *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produzida pelo extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Tomando o método discursivo do linguístico ao discursivo, parti de verbos no modo imperativo (*lave, higienize, compartilhe, converse, procure*) frequentes no discurso pedagógico. Tais verbos indicam uma individuação do sujeito pelo Estado em que o sujeito é produzido como responsável pela saúde, tendo em vista que é um sujeito de direitos e deveres. Esses verbos também indicam um apagamento do político o que permitiu que os processos discursivos das cartilhas fossem racializados. Compreendi como as cartilhas temáticas apagam em certa medida as relações de raça, classe e gênero.

Entretanto, esse apagamento não é absoluto. O político está sempre presente e, assim, há uma contradição: ora se apaga o político, ora se evidencia o político. Ora se apaga questões de classe, ora se evidencia as questões socioeconômicas. O que apontei nessa análise é que, quando se evidencia sobre classe pela ordem da explicitude, a raça está sempre na ordem da implicitude, sempre funcionando por efeito de silenciamento. Além disso, discuti como há no jogo de sentidos uma atenuação do político em que, novamente, apaga-se as questões de raça, classe e gênero. Por fim, tomando Modesto (2021), a análise empreendida aqui permitiu

compreender como os discursos racializados atravessam as discursividades das cartilhas por efeitos de silenciamento e contradição.

Referências

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BARBOSA FILHO, F. R. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022007, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664658>. Acesso em: 31 jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v64i00.8664658>.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BENEVIDES, Bruna. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga**, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona_banner_LGBT.pdf. Acesso em: 5 out. 2022.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 31 jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1851>.

MODESTO, Rogério. Mulato nos dicionários de português ou sobre o que uma palavra pode contar da mestiçagem no Brasil. **Revista Eletrônica Interfaces**, Guarapuava, v. 13, n. 3, p. 1–15, 2022. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7256/5255. Acesso em: 31 jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5935/2179-0027.20220048>

ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 7–24, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR. **Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19**, 2020. Disponível em: www.saude.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/26.06.2020-Cartilha-de-Saúde-LGBT-em-tempos-de-Pandemia-1.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Mariza Vieira da. As cartilhas na sociedade do conhecimento. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. Pouso Alegre: Univás, n. 8, p. 1-13, 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/160.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Mariza Vieira da. **História da alfabetização no Brasil**: a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização. 1998. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Mariza Vieira; PFEIFFER, Claudia Castellanos. Pedagogização do espaço urbano. **RUA [online]**, Edição Especial, p. 87-110, 2014. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/capa?publicacao_id=6. Acesso em: 31 jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v20i0.8638247>

ZOPPI-FONTANA, Mónica G.; OLIVEIRA, Sheila Elias de. Tá serto! Só que não... argumentação, enunciação, interdiscurso. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 123-155, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/120001>. Acesso em: 5 jan. 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p123-155>

Recebido em: 31 de julho de 2023
Aceito em: 26 de dezembro de 2023